

**Jornal Hoje em
Dia Coluna
Perspectiva
23/07/1989**

As missões culturais e os mistérios

Luiz Henrique Horta-Silva

Primeiro foram os viajantes Saint-Hillarie, Spix e Martius Burton. Nos anos vinte, vindo da então distante paulicéia chegou a Belo Horizonte uma caravana de intelectuais dispostos a salvar Minas da estagnação, trazendo a mensagem do modernismo aos nativos. Dentre outros, ali estavam os Andrades - Mário e Oswald - capitaneados pela "Rainha do Café", D. Olívia Penteado. Foi um período de delírio intelectual para a mineirada, como lembram textos de Nava, Drummond etc. Depois se foram, Minas não foi salva, nem os mosquitos mudaram. Ficaram os brilhos, vidrilhos do noturno de Belo Horizonte.

Agora, 70 e tantos anos depois, os paulistas, sempre persistentes e laboriosos, enviam outra missão para trazer luzes do moderno. Pois, precedido de picadores, mil pigmeus carregadores de caixotes, guia zulu e perigosas incursões pelo inóspito (mais do que o desejável) mundo do patrocínio renitente, chega o Professor Lacaz e encontra-se na selva com o antecessor: "Dr. Mário, I presume?" Pergunta ante a estranha descoberta acidental, num lugar estranho. Minas é dentro e fundo.

E vêm festas e coisas, ritos e mitos, o cru e o cozido etc. Rainha do é café não há mais. E o representante do misterioso Instituto colhe amostras da hospitalidade e simpatia locais. Come torresmos totêmicos. E tudo termina em apoteótico sucesso, em confraternização com o britânico cientista. Skindô! ("este ano BH melhora").

Mas o que eu queria era falar do mistério urbano deste fenômeno, quando 10.000 alminhas problemáticas, com dividas e dúvidas, foram ao Palácio das Artes ver as invenções do visitante Guto Lacaz. Por que a arte dele é visitada e revisitada por tanta gente que jamais entrou numa galeria? Nada de falar em lúdico, que é o óbvio, pois toda arte é lúdica: distrai o olhar, ou o ouvido, ou algo.

O negócio é que ele faz a gente se sentir inteligente. Cria a empatia. Todo mundo é seu colega, co-criando, cúmplice (cutucando com o cotovelo a pessoa ao lado, piscadinha de olho: "entendi").

A mim me atrai sobremaneira a inteligência, minha ou alheia. Gostei tanto dos vídeos do professor que seria capaz de assisti-los continuamente. O que já seria burrice e o que me afastaria de fazê-lo. E as pessoas assistiam aos vídeos rindo **com**, com ele e com as outras que assistiam. Riam juntas, foi muito bom.

A arte de Guto Lacaz é brincadeira que convida a fazermos em casa. E como aqueles camelôs que vendem um bonequinho mágico fantástico que nunca funciona em casa. Ele faz parecer tão simples que eu acho que posso. Mas não posso. Ele é esperto, leva

vantagem sobre os objetos. Cheguei em casa e olhei horas para o meu liquidificador, que continuou o mesmo. Então, é isso, o inteligente é ele! Decepção. Chamemos a isto 1º paradoxo de Lacaz. O truque é sermos convencidos de que também somos hábeis. Saímos todos gratificados com nossos neurônios, afinal capazes de entender alguma coisa. Só isto já vale. Há muito tempo não via tanta gente feliz. E feliz com a coisa mais inóspita de nosso tempo: arte.

Por isto podemos dizer a ele, que encerra participação no Festival de Inverno e deixa a cidade: "Bye-bye professor! Volte mais, traga mais novidades (e traga mais desenhos, que este clima de" Série Amarela ", de Fu-Manchu, de África Exótica, de Turquia Misteriosa, (hum... eles é que são, realmente são)". Bravos a todos! Que vimos, e rimos e aos que produziram. Ao menos este filme, como nos anos 40, termina bem. Resistimos a assar o professor ou cozinhá-lo num panelão com batatas, aipo e cenouras, deixando o chapéu para a sobremesa. Da próxima vez não sei não. Idéias modernas nham, nhm, bandolo nelas.

Outros Mistérios

Na semana passada li duas opiniões sobre a mesma coisa. Millôr Fenandes diz que a vida não é curta, "a vida é perto". E Ivan Lessa convidado a falar de Londres, onde vive há vinte anos diz que não conhece Londres, apenas vive lá, ou seja, seis quarteirões e vinte pessoas com quem troca figurinhas. Sendo assim, falar do urbano é falar da esquina. Então ...

Recentemente tive que ir buscar uma pessoa no aeroporto de Confins. Como as coisas não andam fantásticas tive uma certa "preguiça financeira" e fui de ônibus. Cheguei ao Terminal Turístico JK e deparei-me com o mistério urbano: é um prédio grande, bem acabado, cheio de cadeirinhas e telefones públicos e escadas rolantes (paradas) etc. E absolutamente, rigorosamente, surpreendentemente, ninguém. E um edifício fantasma. Bom, mas o negócio continua. O ônibus estava marcado para as 21h50 (os outros horários são igualmente absurdos: (17h35, 19h20 etc) ao menos nisto somos pontuais, na fixação de horários rigorosos. Chegou às 22h10 e partiu às 22h15, com dois passageiros, sendo que um deles era eu. Nesta altura, eu já estava me sentindo num filme de terror, em que tudo fora planejado para me pegar. Olhei bem a cara do motorista para ver se tinha algo suspeito, dentes pontiagudos, pele verde, sei lá. Nada, era um sujeito bem normal.

Encurtando a história (que eu dormi no caminho) o avião atrasou também e como o último ônibus deixa Confins às 23h30 acabei tendo que gastar o táxi. O mistério ficou: onde estão as pessoas? Cadê os turistas do Terminal Turístico e os passageiros do ônibus e os usuários do aeroporto? O que acontece com quem chega tarde e não tem dinheiro para o táxi? É devolvido ao local de origem ou dorme no aeroporto? Vou pensar outros mistérios e volto a falar deles noutra vez.

As missões culturais e os mistérios

LUIZ HENRIQUE HORTA-SILVA
PRODUTOR DE CULTURA

Primeiro foram os viajantes Saint-Hillarie, Spix e Martius Burton. Nos anos vinte, vindo da então distante paulicéia chegou a Belo Horizonte uma caravana de intelectuais dispostos a salvar Minas da estagnação, trazendo a mensagem do modernismo aos nativos. Dentre outros, ali estavam os Andrades — Mário e Oswald — capitaneados pela "Rainha do Café", D. Olívia Penteado. Foi um período de delírio intelectual para a mineirada, como lembram textos de Nava, Drummond etc. Depois se foram, Minas não foi salva, nem os mosquitos mudaram. Ficaram os brilhos, vidrilhos do noturno de Belo Horizonte.

Agora, 70 e tantos anos depois, os paulistas, sempre persistentes e laboriosos, enviam outra missão para trazer luzes do moderno. Pois, precedido de picadores, mil pigmeus carregadores de caixotes, guia zulu e perigosas incursões pelo inóspito (mais do que o desejável) mundo do patrocínio renitente, chega o Professor Lacaz e encontra-se na selva com o antecessor: "Dr. Mário, I presume?" pergunta ante a estranha descoberta acidental, num lugar estranho. Minas é dentro e fundo.

E vêm festas e coisas, ritos e mitos, o cru e o cozido etc. Rainha do café não há mais. E o representante do misterioso Instituto colhe amostras da hospitalidade e simpatia locais. Come torresmos totêmicos. E tudo termina em apoteótico sucesso, em confraternização com o britânico cientista. Skindó! ("este ano BH melhora").

Mas o que eu queria era falar do mistério urbano deste fenômeno, quando 10.000 alminhas problemáticas, com dívidas e dúvidas, foram ao Palácio das Artes ver as invenções do visitante Guto Lacaz. Por que a arte dele é visitada e revisitada por tanta gente que jamais entrou numa galeria? Nada de falar em lúdico, que é o óbvio, pois toda arte é lúdica: distrai o olhar, ou o ouvido, ou algo. O negócio é que ele faz a gente se sentir inteligente. Cria a empatia. Todo mundo é seu colega, criando, cúmplice (cutucando com o cotovelo a pessoa ao lado, piscadinha de olho: "entendi").



Professor Lacaz e os...

A mim me atrai sobremaneira a inteligência, minha ou alheia. Gostei tanto dos vídeos do professor que seria capaz de assisti-los continuamente. O que já seria burrice e o que me afastaria de fazê-lo. E as pessoas assistiam aos vídeos rindo com, com ele e com as outras que assistiam. Riam juntas, foi muito bom.

A arte de Guto Lacaz é brincadeira que convida a fazermos em casa. É como aqueles camelôs que vendem um bonequinho mágico fantástico que nunca funciona em casa. Ele faz parecer tão simples que eu acho que posso. Mas não posso. Ele é esperto, leva vantagem sobre os objetos. Cheguei em casa e olhei horas para o meu liquidificador, que continuou o mesmo. Então, é isso, o inteligente é ele! Decepção. Chamemos a isto 1º paradoxo de Lacaz. O truque é sermos convencidos de que também somos hábeis. Saímos todos gratificados com nossos neurônios, afinal capazes de entender alguma coisa. Só isto já vale. Há muito tempo não via tanta gente feliz. E feliz com a coisa mais inóspita de nosso tempo: arte.

Por isto podemos dizer a ele, que encerra participação no Festival de Inverno e deixa a cidade: "Bye-bye professor! Volte mais, traga mais novidades (e traga mais desenhos, que este clima de "Série Amarela", de Fu-Manchu, de África Exótica, de Turquia Misteriosa, hum... eles é que são, realmente são)". Bravos a todos! que vimos, e rimos e aos que produziram. Ao menos este filme, como nos anos 40,

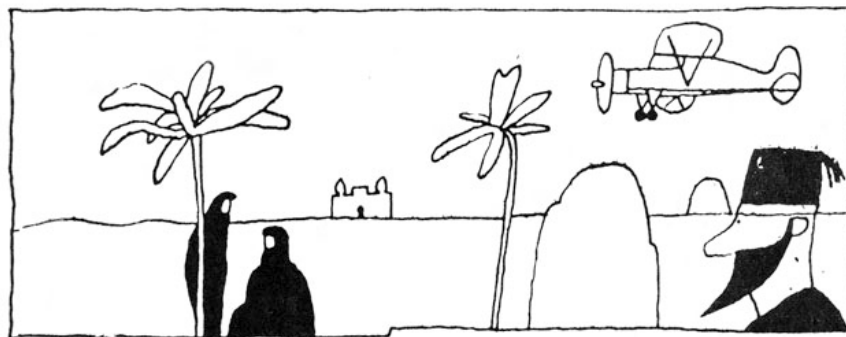
termina bem. Resistimos a assar o professor ou cozinhá-lo num panelão com batatas, aipo e cenouras, deixando o chapéu para a sobre-mesa. Da próxima vez não sei não. Idéias Modernas, nham, nhm, bândolo nelas...

Outros Mistérios

Na semana passada li duas opiniões sobre a mesma coisa. Millôr Fernandes diz que a vida não é curta, "a vida é perto". E Ivan Lessa convidado a falar de Londres, onde vive há vinte anos diz que não conhece Londres, apenas vive lá, ou seja, seis quarteirões e vinte pessoas com quem troca figurinhas. Sendo assim, falar do urbano é falar da esquina. Então...

Recentemente tive que ir buscar uam pessoa no aeroporto de Confins. Como as coisas não andam fantásticas tive uma certa "preguiça financeira" e fui de ônibus. Cheguei ao Terminal Turístico JK e deparei-me com o mistério urbano: é um prédio grande, bem acabado, cheio de cadeirinhas e telefones públicos e escadas rolantes (paradas) etc. E absolutamente, rigorosamente, surpreendentemente, **niguém**. É um edifício fantasma. Bom, mas o negócio continua. O ônibus estava marcado para as 21h50 (os outros horários são igualmente absurdos: (17h35, 19h20 etc) ao menos nisto somos pontuais, na fixação de horários rigorosos. Cheguei às 22h10 e partiu às 22h15, com dois passageiros, sendo que um deles era eu. Nesta altura, eu já estava me sentindo num filme de terror, em que tudo fora planejado para me pegar. Olhei bem a cara do motorista para ver se tinha algo suspeito, dentes pontegudos, pele verde, sei lá. Nada, era um sujeito bem normal.

Encurtando a história (que eu dormi no caminho) o avião atrasou também e como o último ônibus deixa Confins às 23h30 acabei tendo que gastar o táxi. O mistério ficou: onde estão as pessoas? Cadê os turistas do Terminal Turístico e os passageiros do ônibus e os usuários do aeroporto? O que acontece com quem chega tarde e não tem dinheiro para o táxi? É devolvido ao local de origem ou dorme no aeroporto? Vou pensar outros mistérios e volto a falar deles noutra vez.



...mistérios urbanos